Recebido em: 28/02/2014 Parecer emitido em: 07/03/2014 Artigo original

ROCHA, M.T. de L.; LIMA, F.R. de ; UCHÔA, F.N.; ANDRADE, R. de A.; DANIELE, T.M. da C. A percepção do deficiente visual sobre a educação física escolar. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v. 13, n. 1, p. 07-14, 2014.

A PERCEPÇÃO DO DEFICIENTE VISUAL SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Maria Tatiana de Lima Rocha[1], Francisco Ricardo de Lima[2], Francisco Nataniel Uchôa[1], Rosane de Almeida Andrade[1] e Thiago Medeiros da Costa Daniele[3].

RESUMO

Indivíduos com alguma deficiência são encontrados ao longo da história da humanidade e, erroneamente, estigmatizados como doentes ou incapazes. Enxergá-los como pessoas dignas de direitos e deveres é atitude bastante recente. Marcada pelos ideais de força e beleza disseminados ao mundo através de Esparta, a Educação Física atualmente busca a aptidão física e o desempenho máximo de seus adeptos. Mesmo a Educação Física desenvolvida nas escolas busca este ideal, o que dificulta a inclusão dos estudantes que apresentam alguma deficiência, principalmente a corporal. Este estudo tem como objetivo investigar as percepções de jovens com deficiência visual, a respeito de sua participação em atividades físicas dentro e fora da escola. Caracteriza-se por estudo qualitativo, descritivo e transversal onde foi aplicado um questionário semiestruturado com os estudantes deficientes visuais de uma escola pública de nível médio da cidade de Fortaleza-CE. No presente estudo constatou-se que embora haja a participação das aulas teóricas, não foi relatada a participação nas vivências práticas, principalmente pela falta de materiais adaptados. A falta de preparação e de incentivo nas aulas de educação física para a inclusão de todos mostrou-se ineficiente na construção dos métodos inclusivos cabíveis na educação, sendo assim, observamos a necessidade urgente de conscientização dos profissionais da educação para a prática inclusiva e assim amparar esse público de forma adequada para sua inclusão na sociedade.

Palavras-chave: Inclusão escolar. Educação física escolar. Deficiência visual.

THE PERCEPTION OF VISUAL DEFICIENCY ON THE PHYSICAL EDUCATION SCHOLAR

ABSTRACT

Individuals with disabilities are found throughout the history humanity and wrongly stigmatized as sick or incapacitated. Seeing them as people worthy of rights and responsibilities is very recent attitude. Labeled by the ideals of strength and beauty disseminated to the world through Sparta, Physical Education and Physical fitness is currently seeking maximum performance from their followers. Even physical education in schools developed some of these ideals, which makes the inclusion of students who have a disability a problem. This study aims to investigate the perceptions of young people with visual deficiency, regarding their participation in physical activities inside and outside school. It is characterized by qualitative, descriptive and transversal study in which a semi-structured questionnaire was administered to visually impaired students in a public high school within the city of Fortaleza. In the present study it was found that the students of both genders, the survey participants consider themselves included, in fact they are not. There is the participation to theoretical classes, however, was not reported to participation in practical experiences mainly by the lack of suitable materials. A lack of preparation and encouragement in physical education classes to include all proved inefficient in building inclusive of applicable methods in education, so we observed the urgent need for awareness of education professionals for inclusive practice and thus sustain this public properly for their inclusion in the society.

Keywords: School inclusion. School physical education. Visual deficiency.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, os indivíduos com deficiência foram vistos como doentes ou incapazes, estando sempre em situação de desvantagem, ocupando, no imaginário coletivo, a posição de alvo da caridade popular e da assistência social, e não de sujeitos com direitos sociais, como o direito à saúde, moradia e educação, incluindo o direito à participação nas aulas de educação física (dança, jogos, lutas, ginástica).

Se o processo de inclusão é recente, a inclusão de pessoas com deficiências nas aulas de educação física o é ainda mais. Em todos os níveis de ensino a educação física compõe o grupo de disciplinas que fazem parte da formação dos alunos, no entanto, ao longo da sua história, foram abertas várias exceções, que excluíram parte dos alunos de suas práticas. Por exemplo, não precisavam fazer educação física na escola os alunos que comprovassem exercer atividade profissional remunerada ou jornada de trabalho superior a seis horas. Também eram dispensados os alunos que tinham filhos, os alunos doentes (mediante laudo médico) e os alunos com alguma necessidade educacional especial.

Numa sociedade modernamente marcada por *estilos espartanos* de força e beleza, tem-se priorizado enormemente no caso da educação física a busca pela perfeição corporal, aliada à máxima aptidão física. Nesse modelo, geralmente são desprezadas as possibilidades individuais de cada pessoa. O relevante nessas aulas eram o Esporte-Rendimento, ou seja, o aluno deveria apresentar bons desempenhos e habilidades que os transformassem em verdadeiro atleta. Desta forma a educação física escolar apresentava um caráter excludente.

A inclusão é uma ideologia que nasceu do desejo de garantir o direito as pessoas de conviverem em vários ambientes sociais (escolar, trabalho, casa) e participarem efetivamente da sociedade, abolindo preconceitos como os de cor, gênero, religião e diferenças fisiológicas, anatômicas e/ou intelectuais.

Segundo Bertoni (2010, p.83), "este ideal tomou impulso no Brasil a partir dos anos 90 e após pouco mais de vinte anos e várias legislações a favor da inclusão das pessoas deficientes na escola", para esta Autora (2010,p.92) "Não há a preocupação com a educação da pessoa com deficiência propriamente dita, mas sim com a contenção de recursos financeiros e de massificação do ensino, passando uma ideia ilusória de 'igualdade de direitos humanos e escola para todos".

Esta dificuldade na acepção da inclusão na sociedade, inclusive nas escolas, resulta, segundo Bertoni, da contradição entre o ideal inclusivo e os princípios capitalistas atualmente em vigor. De acordo com ela, "(...) as bases que sustentam as escolas brasileiras e de vários países, são estruturadas na lógica do capital de forma a propagar a exclusão", e a escola "para ser inclusiva precisa de mudanças profundas na sua forma de organização e não apenas deixar seus portões abertos a essa clientela" (BERTONI, 2010, p.93).

Bertoni, (2010, p.7-8) afirma ainda que "A inclusão rompe com os paradigmas que sustentam o conservadorismo das escolas, contestando os sistemas educacionais em seus fundamentos. Ela questiona a fixação de modelos ideais, a normalização de perfis específicos de alunos e a seleção dos eleitos para frequentar as escolas, produzindo, com isso identidades e diferenças, inserção e/ou exclusão. (...) A educação inclusiva concebe a escola como um espaço de todos, no qual os alunos constroem o conhecimento segundo suas capacidades, expressam suas ideias livremente, participam ativamente das tarefas de ensino e se desenvolvem como cidadãos, nas suas.".

Porém, toda e qualquer mudança que se pretenda estabelecer numa perspectiva inclusiva não haverá de ser fácil ou imediata visto que essas mudanças abrangem espaços além do escolar. De que adianta incluir um estudante deficiente visual na sala de aula se no lazer, no trabalho ou mesmo em casa ele está excluído?

Em relação à inclusão na escola, Ropoli (2010, p.9) enfatiza que "Para que essa escola possa se concretizar, é patente a necessidade de atualização e desenvolvimento de novos conceitos assim como a redefinição e a aplicação de alternativas e práticas pedagógicas e educacionais compatíveis com a inclusão.".

A Autora aponta como mudanças na direção da inclusão reprovar a repetência, colocando a aprendizagem dos educandos em primeiro plano e viabilizando atitudes de solidariedade, cooperação, criatividade, diálogo dentro da escola, entre todos que a compõe: professores, gestores e alunos. A Autora considera ser este o caminho rumo à cidadania, um ensino de qualidade. (ROPOLI, 2010, p.13-14).

Nesse contexto, as novas perspectivas da educação física buscam proporcionar atividades corporais que contribuam para a formação de cidadãos críticos, participativos e com responsabilidades sociais, tendo

em vista os aspectos das diferenças, convívio, aceitação, respeito e solidariedade. As pessoas com deficiência devem ser vistas e aceitas pelas suas possibilidades e não pelas suas incapacidades.

Juntamente com a família, a escola é o espaço que tem um papel fundamental no processo de socialização de todos os indivíduos. No caso específico da educação física, faz-se necessário promover uma ação inclusiva produtora de conhecimentos que contribuam para modificar o contexto social em que vive a pessoa com deficiência. A educação física, nessa perspectiva vem resgatar uma educação para todos, principalmente quando o aluno que apresenta alguma limitação, sofre discriminação, permanente ou não. Assim a educação física pode oportunizar a descoberta de suas possibilidades e, assim, vencer seus limites, promovendo a participação em qualquer atividade e a interação entre todos.

Santos; Passos; Resende (2007), considerando que a visão é um dos sistemas sensoriais mais importantes na locomoção, visto que fornece informações tanto do ambiente quanto da postura e dos movimentos corporais, analisou os efeitos de um programa de treinamento perceptivo-motor no controle das atividades de locomoção, em crianças deficientes visuais. Os resultados desta pesquisa realizada em 2007 revelam a importância da aprendizagem psicomotora, principalmente na educação física especial, na melhoria da qualidade de vida de crianças com baixa visão.

Dessa forma, com este trabalho pretendeu-se investigar as percepções de jovens com deficiência visual, a respeito de sua participação em atividade física dentro e fora da escola. Como os alunos entendem as aulas de educação física? Eles gostam de participar dessas aulas? Ou será que os professores de educação física ainda excluem seus alunos com deficiência visual como antigamente?

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa tem abordagem qualitativa, descritiva e transversal e foi realizada mediante aplicação de um questionário semiestruturado.

A instituição de ensino escolhida para desenvolver a pesquisa foi uma escola pública de nível médio, localizada no bairro de Fátima, na cidade de Fortaleza-CE. A escolha deveu-se ao fato de ser esta uma escola de referência para os deficientes visuais. A mesma foi fundada em 1976 e desde 2010 atende jovens deficientes visuais. Possui em sua estrutura sala de Recursos Multifuncionais destinada ao atendimento educacional dos estudantes deficientes que a buscam. A sala dispõe de tecnologia assistiva, *softwares* e *hardwares*, impressora Braille e ampliado material tátil.

A instituição está mais adaptada aos deficientes visuais. Dispõe de rampas de acesso à escola e ao corredor de salas de aula, mas não há acessibilidade para adentrar às salas e nem à quadra de esportes. As salas e os banheiros não são adaptados a deficientes físicos. Também não há piso tátil.

O questionário foi aplicado com quatro estudantes deficientes visuais do primeiro ano do ensino médio com idades entre quatorze e vinte anos. Inicialmente foi entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como um Termo de Autorização dos Responsáveis, e só após a assinatura dos mesmos é que a pesquisa foi realizada.

A escola, no momento da pesquisa, contava com um quantitativo de quinze jovens entre os turnos manhã e tarde, numa média de dois por turma. No entanto, apenas quatro participaram de modo conclusivo, ou seja, devolveram o termo de consentimento livre e esclarecido e o Termo de Autorização . A baixa assiduidade dos estudantes foi um fator limitador à pesquisa.

Os quatro estudantes participantes da pesquisa são cegos, sendo três deles de nascença e outro decorrente de um glaucoma.

O questionário aplicado teve como objetivo identificar suas percepções acerca das aulas de educação física na escola. Foram nove perguntas que envolviam além das informações gerais sobre o(a) estudante como idade e série, quesitos sobre se gostavam das aulas de educação física, se se sentiam incluídos(as) nessas aulas, se praticavam algum esporte fora da escola e como se sentiam em relação às aulas de educação física.

Após a coleta dos dados foi feita uma análise afim de identificar as respostas mais recorrentes e utilizou-se o tipo "*moda*" de estatística descritiva. Foi feito também uma análise de discurso.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir do objetivo de investigar a percepção de jovens com deficiência visual a respeito de suas atividades físicas dentro e fora da escola, foi aplicado um questionário do tipo semi estruturado contendo nove questões, onde a frequência de cada resposta está descrita em valores percentuais nos gráficos abaixo juntamente com a análise.

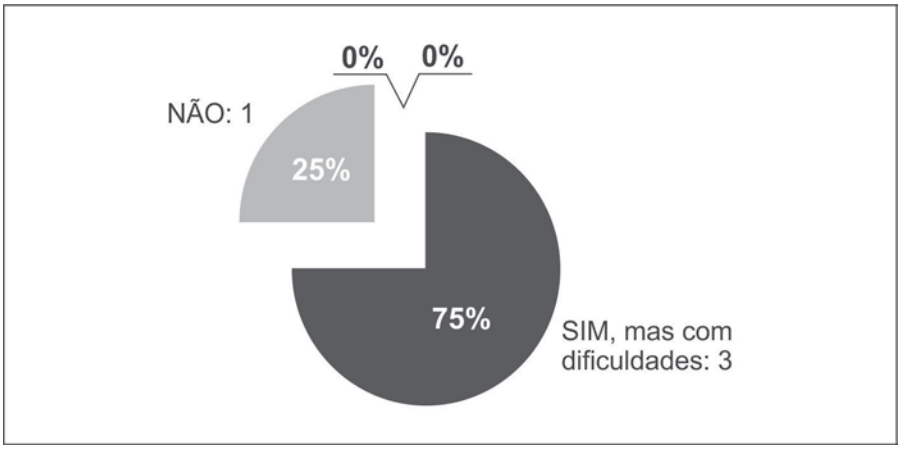


Gráfico 1. Alunos que gostam das aulas de Educação Física.

Quando questionados se gostavam das aulas de educação física três deles responderam positivamente, mas mencionaram dificuldade de participação, principalmente nas aulas práticas, provavelmente devido a falta de material adaptado. E um relatou não gostar das aulas devido a falta de atenção do profissional durante as aulas práticas.

Para Gorgatti; Teixeira; Vanícola (2008, p.408), o sucesso do estudante deficiente visual nas aulas de educação física está diretamente relacionado à utilização de materiais adaptados, podendo utilizar materiais coloridos para os de baixa visão e com texturas variadas com os cegos. Na falta de recursos adaptados aos deficientes visuais na escola, estes poderiam ser confeccionados pelo professor juntamente com seus alunos.

No entanto, o profissional de educação física escolar deve contar com formação inicial e continuada para que esteja preparado acerca das adaptações que terá de fazer, inclusive na falta dos recursos didáticos na escola (OLIVEIRA, 2008, p.69).

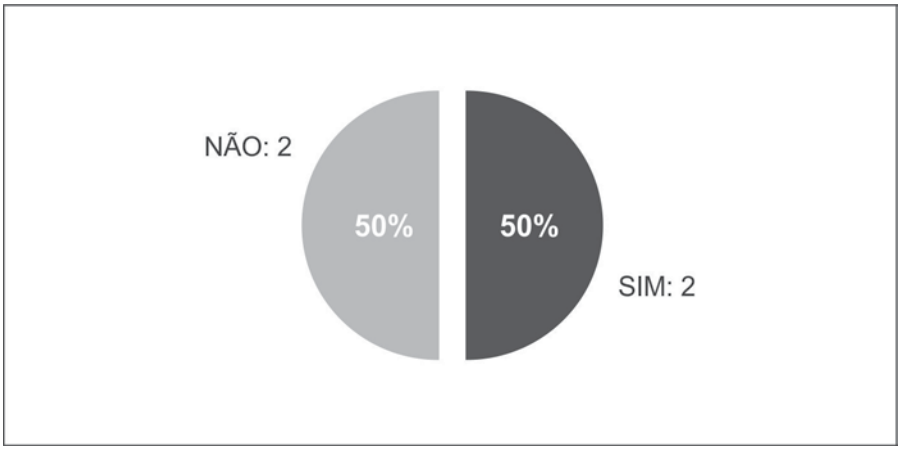


Gráfico 2. Os alunos se sentem incluídos nas aulas?

Quando questionados se se sentiam incluídos, dois deles responderam "sim", considerando suas participações nas aulas teóricas, mas novamente lamentaram pelas práticas. Os outros dois responderam que não se sentiam incluídos exatamente pela falta de material e/ou atividade adaptada nessas aulas. De acordo com eles, nenhum esporte adaptado é realizado na escola, nem mesmo durante as aulas de educação física.

Vanderlei da Costa (2010), em sua dissertação de mestrado avaliou como acontecia o processo de inclusão de deficientes visuais matriculados no ensino regular na cidade de São Carlos, em São Paulo, na educação física escolar da rede pública e particular. Segundo seus resultados, o processo de inclusão em relação à educação física escolar encontra dificuldades para ser aplicada, devido ao despreparo do docente. Ainda segundo esta pesquisa, os estudantes deficientes visuais mostraram-se insatisfeitos com o tratamento que seus professores lhes dispensavam no sentido de participar das atividades físicas e de lazer planejadas na escola.

Quando questionados sobre o relacionamento com demais colegas videntes durantes as atividades físicas escolares todos afirmaram sentirem-se bem. Vieira; Priore; Fisberg (2002) considera que as aulas de educação física devem proporcionar a "convivência em grupo e relacionamento intenso com seus pares".

Mazzarino; Falkenbach; Rissi (2011) acrescentam que a inclusão de uma pessoa deficiente visual contribui para o aprendizado tanto do deficiente visual quanto do não deficiente, porém, a escola e sua comunidade precisam melhorar em termos de qualificação na área.

Ao serem interrogados sobre a prática de atividades físicas fora da escola, três deles relataram que às vezes praticam natação, sendo que destes um também faz atletismo. Ressalta-se que um deles afirmou que nunca faz atividade física fora da escola.

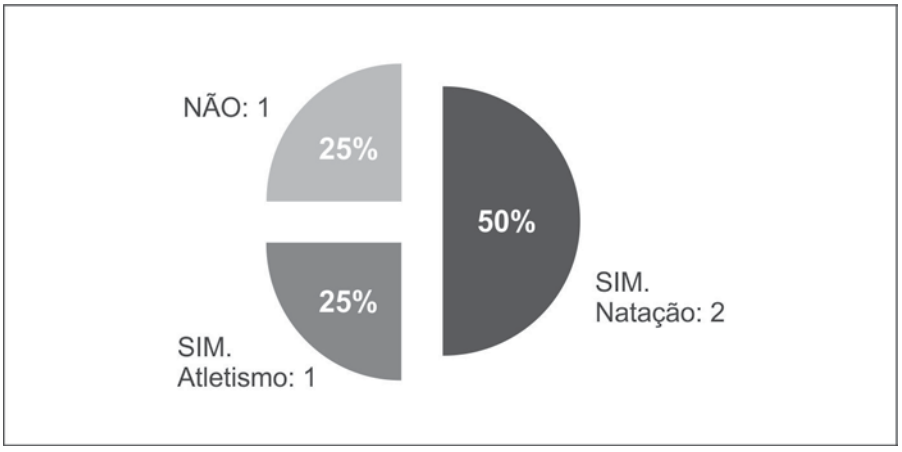


Gráfico 3. Praticam atividades fora da escola?

Quando questionados sobre o que entendem por prática de atividade física, dois responderam tratar-se de jogo, brincadeira, lazer/recreação, marcando todos esses itens. Um deles afirmou ser um jogo e outro disse ser lazer/recreação.

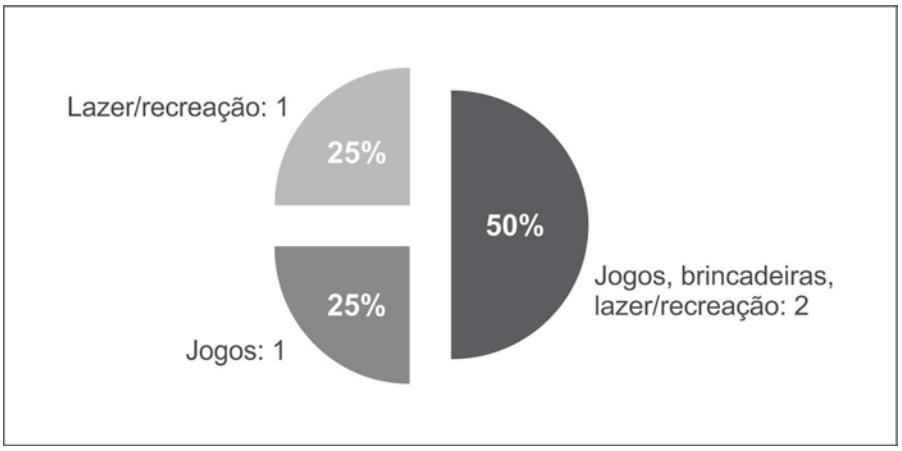


Gráfico 4. O que os alunos entendem por atividade física?

Para Vieira; Priore; Fisberg (2002) é papel da educação física, promover o gasto de energia através de atividades que sejam prazerosas e recreativas para os adolescentes; da mesma forma são importantes as atividades de relaxamento, percepção e controle corporal.

Também foram interrogados se a falta de equipamento apropriado e a ausência de adaptação nas aulas de Educação Física impediam sua participação e quanto a isso foram unânimes em responder sim.

A educação física escolar vai muito além do esporte ou do desenvolvimento de habilidades corporais, ela trás consigo um papel de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções. Proporciona ao aluno a oportunidade de conhecer a si próprio e de desenvolver o senso critico. A educação física aprecia múltiplos conhecimentos a respeito do corpo e do movimento sendo caracterizada como "é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal." (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.61).

Para Brasil (2000) o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e a luta estão incorporadas na cultura corporal e estão relacionados aos conteúdos da educação física. A educação física garante ao aluno os conhecimentos práticos e conceituais. ao dar a oportunidade aos alunos de desenvolver suas potencialidades de forma democrática. Dessa forma "o aluno deve aprender, para além das técnicas de execução, a discutir regras e estratégias, apreciá-los criticamente, analisá-lo esteticamente, avaliá-lo eticamente, ressignificá-lo e recriá-lo" (BRASIL, 2000, p.28).

Através da atividade física escolar o aluno cria autonomia para as próprias atividades, reconhece suas potencialidades e limitações. Conforme Coletivo de Autores, 1992, a escola, na perspectiva de uma pedagogia critica superadora, defende que deve fazer uma seleção dos conteúdos da educação física, no qual nessa seleção de conteúdos tenha coerência com o objetivo de promover a leitura da realidade (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.63). Dessa forma a pessoa com necessidades educativas especiais deve que ser vista e aceita pelas suas possibilidades e não pelas suas incapacidades. Corroborando com o dito, Neira, 2009, acrescenta

"Nosso papel é investigar como os grupos sociais se expressam pelos movimentos, criando esportes, jogos, lutas, ginásticas, brincadeiras e danças, entender as condições que inspiraram essas criações e experimentá-las, refletindo sobre quais alternativas e alterações são necessárias para vivenciá-las no espaço escolar" (NEIRA, 2009).

A educação física escolar tem a tarefa de informar, conscientizar e aprimorar o aluno em todos os aspectos do cotidiano, contribuindo para a construção de um estilo pessoal que venha participar para melhoria da sociedade tanto no lazer, na qualidade de vida e no bem estar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente estudo verificou-se a percepção dos estudantes deficientes visuais sobre suas atividades físicas escolares, percebeu-se que, embora esses alunos participem das aulas teóricas, não fazem parte das aulas práticas, segundo eles mesmos devido a falta de material adaptado. Provavelmente por isso o índice de faltas nos dias das aulas de Educação Física seja tão acentuado.

Apesar de todos os avanços atingidos na direção da inclusão, principalmente nas escolas, percebe-se, através deste estudo, que o predisposto nas leis e a prática do cotidiano escolar ainda divergem.

É consenso na sociedade a importância da prática regular de atividades físicas tanto pelos benefícios fisiológicos quanto pelos psicossociais resultantes da socialização proporcionada pela realização de atividades físicas e/ou esportes em praças, clubes, academias e também nas escolas.

É urgente que se pensem e sejam desenvolvidas em políticas públicas de promoção da saúde com programas de ação na escola que favoreçam o desenvolvimento psicomotor das pessoas com deficiência visual e práticas pedagógicas escolares de valorização da Educação Física.

Estes programas de ação escolar devem estimular a autoestima das pessoas deficientes, inclusive dos visuais, animando-os a frequentar ativamente a escola e cobrar sua participação nas diversas atividades propostas. É comum a superproteção por parte dos familiares então cabe também à escola reverter esta situação e mostrar aos deficientes visuais e familiares que com tempo e paciência se tornarão pessoas seguras e independentes. A escola deve aliado ao desenvolvimento intelectual, tão necessário à integração profissional de seus estudantes, garantir o desenvolvimento das competências fundamentais ao cotidiano de qualquer ser humano, tais como capacidade de decisão e orientação espacial.

Promover cursos de formação na área de educação especial para que os professores conheçam as especificidades de cada deficiência e as medidas pedagógicas e metodológicas adequadas e necessárias ao bom aprendizado de todos.

Apesar de algumas limitações do estudo, podemos identificar que ainda há muito a ser aprendido e desenvolvido sobre inclusão. O fato de estes jovens frequentarem a escola junto com outros jovens videntes não significa que estão plenamente incluídos. Assistir às aulas de educação física da arquibancada não é inclusão. Participar apenas das aulas teóricas não é inclusão.

REFERÊNCIAS

BERTONI, S. Fundamentos da educação inclusiva. In.: FERREIRA, E.L. (org.) **Atividade física, deficiência e inclusão escolar**. Niterói: Intertexto, 2010.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Educação Física. Brasília, 2000.

CARVALHO, R.E. **Temas em educação especial**. Rio de Janeiro: WVA, 1998.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez. 1992.

COSTA, V. B. Inclusão escolar na educação física: reflexões acerca da formação docente. **Motriz**. v. 16, n. 4, p 889-899, out/dez. 2010. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/motriz/v16n4/a09v16n4.pdf> Acesso em: 30 de nov. 2013.

GORGATTI, M.G.; TEIXEIRA, L.; VANÍCOLA, M.C. Deficiência visual. In: TEIXEIRA, L. (Org) **Atividade física adaptada e saúde**: da teoria à prática. São Paulo: Phorte, 2008. p. 399-412.

MAZZARINO, J.M., FALKENBACH, A.; RISSI, S. Acessibilidade e inclusão de uma aluna com deficiência visual na escola e na educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v. 33, n. 1, Porto Alegre, Março 2011. p. 87-102. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32892011000100006&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 30 nov. 2013.

OLIVEIRA, E.A. **A Educação da criança com deficiência visual**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008.

ROPOLI, E.A. *et al*. A Educação especial na perspectiva da inclusão escolar: a escola comum inclusiva. Brasília: **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, Fortaleza**: Universidade Federal do Ceará, 2010.

SANTOS, L.C., PASSOS, J.E.O.S.; RESENDE, A.L.G. Os efeitos da aprendizagem psicomotora no controle das atividades de locomoção sobre obstáculos em crianças com deficiência visual. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 13, n. 3, Porto Alegre, set./dez. 2007. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382007000300005> Acesso em: 30 nov. 2013.

NEIRA, G. Entrevista com Marcos Neira sobre o papel da Educação Física nas escolas. [Ago/2009] São Paulo: **Revista Nova Escolar**. Entrevista concedida à Rodrigo Ratier. Ed. 224. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/educacao-fisica/fundamentos/vez-formar-atletas-analisar-cultura-corporal-487620.shtml> Acesso em: 05 mar. 2014

VIEIRA, V.C.R., PRIORE, S.E. e FISBERG, M. A Atividade física na adolescência. **Revista Adolescencia Latino Americana**, v.3, n.1, Porto Alegre, ago., 2002. Disponível em < http://ral-adolec.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-71302002000100007&lng=es&nrm=iss&tlng=pt> Acesso em: 30 de nov. 2013

---

[1] Universidade Trás dos Montes e Alto Douro - UTAD/PT.

[2] Faculdade Integrada da Grande Fortaleza - FGF.

[3] Universidade Federal do Ceará - UFC.

Rua Alfredo Mamede, 635. Casa 21
Mondubim
Fortaleza/CE
60763806